

Dois fatores determinam as soluções gráficas que, no seu conjunto, participam da configuração de um determinado ambiente.

Primeiramente a nível do seu próprio conteúdo, pois a gráfica urbana que predomina é de natureza publicitária, tendo então uma função a cumprir como peça de toda uma estratégia maior, e como tal, deve ter um rendimento apreciável no que diz respeito a "falar mais alto" as maravilhas daquilo que anuncia. E isto ocorre mais intensamente quanto maior for a dinâmica da atividade comercial que ela divulga. E a nível da sua própria configuração, uma vez que o elemento gráfico tem que se destacar entre tantos outros apelos e informações visuais, e chamar a atenção do observador, antes que este desvie automaticamente seu olhar pelo esgotamento do poder de atração, pela saturação causada pelo campo visual. Esta questão está diretamente relacionada à determinação das dimensões, cores, enfim, a todo o aspecto formal de um elemento gráfico urbano, porque é imperativo que as pessoas o vejam.

Em segundo lugar, a nível das condições que a arquitetura ou a conformação do espaço impõem ao elemento gráfico. Há locais em que uma atividade comercial incipiente vai se instalando em um espaço de exíguas proporções. Em outros casos, sobretudo nos mais tradicionais centros comerciais, a sua dinâmica encontra correspondência nos espaços mais amplos e diversificados da arquitetura do local. Há casos, por fim, em que um repentino desenvolvimento comercial encontra restrições no acanhamento dos edifícios que antes abrigavam até mesmo outras funções.

Um corte ao longo de um percurso que se inicia em um dos mais afastados bairros de São Paulo, e chega até o centro comercial mais movimentado da cidade, vai revelando, como que numa seqüência cinematográfica, a sucessão das diferentes formas e caracterizações que a cidade possui em cada uma das situações percorridas.

A gráfica urbana é, neste percurso, uma imagem bastante fiel do que é a cidade: as várias definições de função e significado, que se revelam a cada momento; tudo aquilo que coexiste revela os gostos e tendências do público que nela habita, tanto quanto os diferentes graus de vitalidade e de estabilidade que sua vida econômica manifesta naquele dado instante.

Interessa de início notar que as soluções utilizadas com maior freqüência no centro da cidade vão aparecendo com certa intensidade nos bairros distantes do centro, e são ainda encontradas nos mais afastados locais. São soluções facilitadas pela industrialização e autorizadas pelo padrão de gosto "consagrado", imediatamente acessíveis em qualquer parte da cidade. Estas soluções modificam a configuração espacial das ruas e edifícios, própria do comércio com certo grau de refinamento. Permitem a alteração de escala e correção das fachadas "velhas", mascarando assim as diferenças de porte e desenho observáveis de um lugar para o outro, "atualizando-as".

Isto é tanto mais real quando se associa ao processo de ampliação e generalização das cadeias de lojas, que predominam no centro comercial mais desenvolvido e são encontradas nos mais afastados locais da cidade. Descentraliza-se a própria atividade e com ela o seu vocabulário gráfico.

A par desta tendência à homogeneidade de soluções, o corte no espaço em um tempo determinado vem ainda revelar de maneira sutil, quase imperceptível, as discrepâncias ainda muito vivas entre esses bairros.

Já foi observado que as rápidas mudanças impostas à arquitetura, pela transformação de seu uso em determinado local da cidade não encontram, em geral, correspondência na mesma medida e mesma velocidade, nas mudanças do espaço urbano. Uma rua passa de uma vida tranqüila, "com casas simples e cadeiras nas calçadas", para outra de atribulada atividade comercial, e as ruas não são alargadas, as construções não perdem seu alinhamento junto às fronteiras do lote, etc... Mas as alterações ocorrem com tal velocidade que mesmo a arquitetura, os edifícios, são pegos de surpresa. Antes mesmo que